

A IMPORTÂNCIA DE ATIVIDADES LÚDICAS NO PROCESSO EDUCACIONAL: AÇÕES DE TERAPIA OCUPACIONAL NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Claudia Danielle Oliveira de Lima; Keline Mayra de Santana; Rosiane Francisco da Silva danielleoliveira_al@hotmail.com; kelinemayra1@hotmail.com; roseastral@hotmail.com

Resumo: Trata-se de um relato de experiência, cujo objetivo é descrever a importância de atividades lúdicas no desenvolvimento cognitivo das crianças, uma proposta elaborada por profissionais de pedagogia e terapia ocupacional no processo de aprendizagem de crianças de 02 a 04 anos, em uma creche escola da Cidade de Maceió-AL. Nosso interesse em participar surgiu a partir da percepção de integrar os conhecimentos da terapia ocupacional e a importância de atividades lúdicas em sala de aula, e junto com o pedagogo adaptar o ensino e propor uma dinâmica diferenciada aos alunos, tendo em vista, a demanda e as dificuldades em acompanhar o conteúdo em sala de aula regular. Os resultados evidenciaram que tais vivências são de fundamental importância para aprendizagem, e o papel de profissionais de diferentes áreas desenvolvendo propostas com objetivos em comum, onde cada um elabora atividades buscando atender a demanda de forma articulada, além de propor recursos a serem desenvolvidos junto com as crianças, propiciando além da aprendizagem um ambiente rico em estímulos, em resumo o modelo utilizado como estratégia de ensino-aprendizagem permitiu a essas crianças compreender determinados assuntos de forma simples através de jogos adaptados, apresentações teatrais e desenhos com representações da imagem e do corpo. Levando a conhecer uma nova maneira de perceber a escola de forma diversificada.

Palavras-chave: Atividades lúdicas, educação inclusiva, terapia ocupacional.

Introdução

O presente trabalho consiste em compartilhar com os leitores uma experiência por nós vivenciada na cidade de Maceió-AL, que foram de fundamental importância para novas práticas de ensino, e conforme nos mostra Sant'Ana (2005), é evidente a necessidade de que os professores sejam instrumentalizados a fim de atender às peculiaridades apresentadas pelos alunos, de acordo com suas individualidades. Entretanto, as maiores dificuldades no trabalho docente não parecem dizer respeito à questão do diagnóstico, mas, como nos afirma Machado (2006), se relacionam a questões como: discriminação e receio diante de alunos que apresentam dificuldades ou deficiências, preconceito que esses alunos sofrem no cotidiano escolar, dificuldade em se manter um trabalho conjunto com as professoras de classe regular ou, ainda, o fato de algumas professoras delegarem todo o trabalho educativo.

É de suma importância que o educador busque diversificar seu olhar, e adentrar em um mundo aparentemente apenas possível para as crianças, o lúdico, que tem esse poder não só integrar como também, transformador.

Essa estrutura no planejamento proporciona atividades mais adequadas e prazerosas, diretamente relacionadas com suas intenções. Para Friedmann.

O educador deve definir previamente, em função das necessidades e interesses do grupo, segundo seus objetivos, qual é o espaço de tempo que o jogo irá ocupar em suas atividades, no dia-a-dia. Deve também definir o espaço físico aonde esses jogos irão se definir: os objetos, brinquedos que serão utilizados. Esses são requisitos práticos para começar o trabalho com o lúdico. (1996, p.70)

Foi fundamental perceber o desenvolvimento integral da criança, levando-a a utilizar todas as suas potencialidades, tomando consciência da importância de expressar suas opiniões, dúvidas e sentimentos, encorajando-os a interagir no mundo que a cerca, percebendo seu papel na sociedade, buscando sempre de maneira prazerosa e lúdica a construção do conhecimento num ambiente acolhedor, seguro e afetivo. (Projeto Político Pedagógico da EMEI BMQ, 2008, p.12).

Com tudo, vale ressaltar que, o brincar gera situações de interação e de construção de conhecimento da realidade, de sociabilidade, de experimentação da relação com o outro, de experimentação da cultura e de exercício da decisão e da interação, permitindo á criança, colocar-se em contato com seus limites e capacidades, bem como, com seus sentimentos, num clima favorável de satisfação pela possibilidade de criação das próprias decisões, ação sobre as situações concretas do cotidiano e realização de seus desejos e escolhas”. (JURDI, 2004).

Fundamentação teórica

Os estudos de Kishimoto(1994; 2006) e de Wajskop (1995), acerca da história dos jogos e das brincadeiras na educação revelam grandes mudanças e um cenário marcado por oscilações em relação às diferentes concepções sobre o tema e sua valorização no âmbito educacional.

Na Idade Média, o jogo e a brincadeira destacaram-se como uma atividade que promovia a socialização e a integração entre as pessoas da comunidade. No período Renascentista –séculos XIV ao XVII –, os jogos e as brincadeiras apareceram como uma possibilidade de educar crianças e passaram a ser utilizados para o ensino da moral.

No entanto, no século XVIII, com as considerações sobre a infância –“os sentimentos da criança” –, é que o lúdico foi efetivamente associado à educação da criança pequena. Cabe mencionar que, a partir desse momento, a brincadeira foi reconhecida como uma conduta livre que favorece o desenvolvimento da inteligência e facilita/auxilia o estudo, destacando-se, a partir desse momento, seu caráter educativo.

No século XIX, os jogos e as brincadeiras são tomados como comportamentos naturais da criança. Eles foram introduzidos nas escolas infantis da época, os Jardins de Infância –por Froebel, e passam a fazer parte das atividades escolares, na fase pré-escolar.

Já no século XX, paralelamente ao nascimento da Psicologia Infantil, encontram-se a produção de pesquisas e as teorias que discutem a importância do brincar para a construção de representações infantis, em estudos e pesquisas de caráter psicogenético, fundamentados por Piaget, Bruner, Vygotsky, entre outros. A partir daí, as teorias sobre o brincar estão, cada vez mais, sendo alvo de estudos e demonstrações de relevância na educação escolar, partindo-se da ideia de que se constitui no elemento que pode promover o desenvolvimento e a aprendizagem.

Segundo o autor Marcondes Machado (2004), o brincar encontra-se no espaço do sonho. Uma criança livre e feliz brinca quando come, quando sonha, quando faz seus pequenos discursos poéticos.

A escola é esse espaço de sonhos, o espaço de desenvolvimento cognitivo e formativo da pessoa, onde cada um, no processo coletivo de apropriação de conhecimento conquista sua autonomia e contribui para a emancipação social, participando da reconstrução da nação, onde a cidadania seja efetivamente exercida para as camadas menos favorecidas de nosso povo. (Projeto Político Pedagógico da EMEF GV, 2006, p.02).

Para Dornelles (2001, p.105), o brincar proporciona a troca de pontos de vista diferentes, ajuda a perceber como os outros o veem e auxilia a criação de interesses comuns, uma razão para que se possa interagir com o outro. Essas trocas são extremamente importantes na busca de alternativa para algumas situações-problema encontradas na transição da fase da infância para adolescência, vivida.

Onde, de acordo com, De Carlo (2001), é fundamental compreender, no entanto, que não basta proporcionar ao sujeito situações de interação:



A relação educativa se constitui em um processo na qual as mediações são planejadas de forma a possibilitar a aprendizagem, mas não é qualquer mediação que produz resultados efetivos, assim como não basta conhecer o substrato biológico do desenvolvimento humano para conhecer o caminho do desenvolvimento da espécie. E preciso que se conheçam os caminhos percorridos por aquele indivíduo em sua cultura, em seu meio social, suas experiências, para que se possa construir uma relação de ensino-aprendizagem eficiente no que se refere ao processo de desenvolvimento como um todo (DE CARLO&BARTALOTTI, 2001, p. 108).

Assim, segundo Rocha (2003, pág. 76) ‘a meta da Terapia Ocupacional, no espaço escolar, é o fortalecimento da potencia de ação dos educadores e dos educandos, facilitando a emergência de soluções para os impasses a partir do próprio grupo, utilizando-se de diferentes atividades, adequadas às necessidades de cada realidade’.

Metodologia

Podemos perceber que de acordo com os conhecimentos da terapia ocupacional a educação faz parte do seu contexto, A inserção e o suporte de profissionais da área da saúde na educação inclusiva estão presentes em documentos legais como a Resolução nº 2 de 2001, quando se refere ao papel dos demais profissionais em congruência com a escola inclusiva, como também na recente Política de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008)

Para (Lourenço¹ e Barbosa², p.169 -170. 2010) ressaltam que essa intervenção também está prevista em serviços de educação infantil, considerando a transversalidade da educação inclusiva, que prevê ações durante todo o período escolar. Nessa perspectiva, considerando que “*A Educação Especial visa o atendimento e a promoção do desenvolvimento de indivíduos que não se beneficiam significativamente de situações tradicionais de educação, por limites ou peculiaridades de diferentes naturezas*”.

Grifo do autor.

2 De acordo com a Resolução nº 2 de 2001 do ministério da educação: (*). Institui Diretrizes Nacionais para a *Educação Especial na Educação Básica*. O Presidente pelo Senhor *Ministro* de Estado da *Educação* em 15 de agosto de 2001.

Os autores complementam as ideias, tais ações em terapia ocupacional no contexto escolar conseguem além de integrar o aluno em sala regular como propor a compreensão aos educadores as patologias apresentadas, formas de compreender o conteúdo e lidar com situações, e de acordo Halpern e Figueiras (2004), o desenvolvimento infantil é determinado por características pessoais do indivíduo – físicas e mentais– e pelo ambiente social em que ele vive.

Jannuzzi (2004, p.16) aponta que o desvio de atenção aos setores voltados à educação da pessoa com deficiência se deve a um processo histórico baseado em segmentos dominantes da sociedade e no privilégio e acesso à educação às elites da época. Segundo ela, as iniciativas governamentais e da sociedade civil em relação à educação de pessoas com deficiência estavam voltadas a promover algum tipo de instrução em estabelecimentos voltados a esta finalidade. A educação popular, e muito menos a dos deficientes, não era motivo de preocupação.

Para tanto, o relato foi dividido em dois momentos, primeiro, para conhecimento do público alvo, observando características importantes, e a integração e o reconhecimento dos demais alunos em tais patologias, sendo esses com diagnóstico de déficit de atenção e casos de TDAH. Compreendendo como cada aluno reagia a determinados assuntos e diferentes formas de absorver o conteúdo e o quanto o profissional de terapia ocupacional pode auxiliar como agente multiplicador do conhecimento prestando essa acessória, e o segundo momento das práticas aconteceram já em sala de aula com o professor e as contribuições da terapia ocupacional.

Promovendo novas práticas no contexto educacional

O trabalho surgiu a partir da ideia da instituição em adaptar os conhecimentos da terapia ocupacional e as práticas do pedagogo e juntos pensar em propostas pedagógicas de ensino, o terapeuta ocupacional como agente integrador, apresentando em suas especificidades as diversas formas de adaptar o conteúdo para crianças de 02 a 04 anos e também crianças que apresentam em seu contexto déficit de atenção e TDAH em sala regular, o agente motivador como: os jogos e brincadeiras.

Foi fundamentando através de visitas semanais, realizadas no período de 4 meses, e contou com o envolvimento da equipe pedagógica da escola e profissionais de terapia ocupacional, foi observado a grande problemática envolvendo a vulnerabilidade dessas crianças e o quanto atividades lúdicas podem modificar o contexto e proporcionar melhor rendimento escolar. Durante esse período observamos o nível de compreensão de cada criança e seu desenvolvimento, que de



acordo com o público alvo e necessidades da instituição, foi possível adaptar temas como; alimentação saudável, reconhecimento da imagem do corpo e higiene bucal, utilizando como recurso pedagógicos; jogos, teatro, pinturas e dinâmicas.

As propostas e adaptações em sala transformaram os conteúdos em algo prazeroso e diversificado, dentre os objetivos pensados entre pedagogo e terapeuta ocupacional, foi ampliar esse ambiente e torna-lo prazeroso não só como espaço de ensino aprendido como também novas descobertas, conhecimento entre grupos.

Para as propostas foram surgindo novos desafios e adaptações nas atividades:

- A ideia do teatro dentro do contexto lúdico e as adaptações de baixo custo, temas diversificados da educação em saúde, como higiene bucal, alimentação saudável;
- Jogos em sala, construído de forma adaptada para as crianças;
- Atividades de educação e saúde, apresentando recortes educativos;
- Pintura livre, adaptando os utensílios;
- A construção de um ambiente saudável, com propostas de diversificar os alimentos.

Foi importante perceber o envolvimento de todos nas atividades citadas e a cada novo tema, surgiam curiosidades e o quanto foi importante perceber as dificuldades e superação de cada criança.

Para Braga (2007), a atuação da Terapia Ocupacional em contextos socioeducativos tem de ser maior que uma atenção individualizada-ela deve configurar-se como uma ação que envolve a pessoa com deficiências e o meio sociocultural no qual ela esta inserida.

Educar envolve, conforme Freire (1997), entre outras questões, a consciência e a sensibilidade do educador para tornar-se capaz de auxiliar a passagem de uma “curiosidade ingênua” para uma “curiosidade epistemológica” dos educandos diante dos variados conteúdos de uma determinada disciplina. Assim, o objetivo da prática educativa é tirar o educando da sua visão simplista de senso comum para uma consciência mais fundamentada teórica, cientificamente. Para tanto, é de fundamental importância que o professor associe os conteúdos a serem ensinados com os que já fazem parte do aluno, entendendo as ações sócio-construtivistas como essenciais para o desenvolvimento cognitivo do educando.

O Terapeuta Ocupacional tem como objetivo principal o desenvolvimento humano global, não restrito apenas em tratamentos e treinamentos sensório-motores ou em ocupações simples. No contexto socioeducacional, o Terapeuta Ocupacional deve ser um profissional de apoio e articulador, cuja atuação volta-se para as questões surgidas ao longo do processo educacional (BRAGA, 2007).



Tais ações conjuntas de profissionais das áreas da saúde e educação apresentam fundamentais para apoiar o trabalho das unidades de ensino, caminhando para além de campanhas meramente informativas ou diagnósticas, de modo a potencializar a ação de cada profissional em suas especificidades, com uma atuação colaborativa e que supere a fragmentação dos saberes e fazeres nas diferentes instâncias do atendimento.

O lúdico na educação de crianças

O trabalho veio nos mostrar a importância da atividade lúdica como modo de aproximação com o cotidiano das crianças e experiências por eles nunca vivenciadas, especialmente, no que tange ao estabelecimento de relações vinculares e as diferentes dificuldades vividas por esta população na construção do conhecimento.

O uso de “apresentações teatrais” permitiu uma circulação de elementos culturais, memórias, que enriqueceram o conteúdo e auxiliou em uma melhor compreensão. Uma mesma situação cotidiana pode vir a ser uma novidade.

Segundo Motta e Takatori (2001) o estado emocional da criança influencia em sua aprendizagem e adaptação. Portanto, a criança precisa estar segura na relação com o professor e com os outros que participam dessa sociedade. Luckesi (2005, p.34) diz que,

“Muitas vezes, temos nos debatido entre dois focos da prática educativa; o cognitivo e o afetivo. Tradicionalmente, na educação moderna (séc. XVI ao XX), temos privilegiado a formação lógica da mente, através dos conteúdos científicos, na crença iluminista de que “conhecer é poder”. E aqui o termo “conhecer” refere-se ao conhecimento cognitivo considerado “certo”. Foi com esse olhar que realizamos a educação predominante nas escolas dentro do período considerado da modernidade”.

Uma das tarefas é identificar constantemente as intervenções e as ações desencadeadas e aprimoradas para que a escola seja um espaço de aprendizagem para todos os alunos. Isso exigirá novas elaborações no âmbito dos projetos escolares, visando ao aprimoramento de sua proposta pedagógica, dos procedimentos avaliativos institucionais e da aprendizagem dos alunos. É importante ainda uma atenção especial ao modo como se estabelecem as relações entre aluno e





professor, além da constituição de espaços privilegiados para a formação dos professores da educação, para que venham a ser agentes corresponsáveis desse processo (PRIETO, 2006, p.36).

Sabemos que para garantir uma educação efetivamente inclusiva, em um ambiente escolar é necessário o envolvimento de todos os membros da equipe escolar, assim como efetiva participação da comunidade no planejamento de ações e programas voltados à temática. Entretanto, convém destacar que professores apresentam funções essenciais na estrutura e no funcionamento do sistema educacional e suas opiniões podem fornecer subsídios relevantes para a compreensão de como tem ocorrido o processo de inclusão, em um âmbito que está além das legislações, o cotidiano escolar. Podemos dizer que ganham especial relevância os discursos e ações dos professores, porque, como nos mostra Jesus (2004), em última instância, são eles que, no meio de seus medos, dúvidas, ansiedades, disponibilidades, acolhimentos e possibilidades, assumem os alunos em suas salas de aula.

Conclusão

Conclui-se que o papel da criança, não apenas pelos objetos que o constituem, mas pelo desafio, as regras, novos formatos de ensino, que por sua vez podem ser consideradas como um meio para o desenvolvimento do pensamento da criança. Além de desenvolver o estudo e a brincadeira, ambos necessários ao desenvolvimento do indivíduo, a partir de uma atividade única, comum, onde seja possível aprender brincando, e adequar as propostas a todos independente de sua patologia.

Foi importante perceber o envolvimento de todos, o professor como agente essencial formador de opiniões, o terapeuta ocupacional integrando seus conteúdos e adaptando não só o ambiente, como também novas propostas de ensino. Tais ideias seguem sempre em congruência e readaptar o ambiente e propiciar novas vivências são contextos enriquecedores para escola.

A escola precisa de fato criar um ambiente lúdico correspondendo sempre as demandas diversificadas, contemplando a educação inclusiva e seus inúmeros desafios, sabemos que para garantir uma educação efetivamente inclusiva, em um ambiente escolar é necessário o envolvimento de todos os membros da equipe escolar, assim como efetiva participação da comunidade no planejamento de ações e programas voltados à temática.

Referências



ANGELI, A A C.;SCHULTES,C.; MOREIRA, C. Durezas e delicadezas: Encontro, por meio da atividade lúdica, entre o acadêmico de terapia ocupacional e a vulnerabilidade na infância, 2011. Disponível em: http://www.ufrgs.br/5cbeu/?page_id=1730. Acesso em: 23 de setembro 2016.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB 2/2001. Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica. Brasília: MEC/SEESP, 2001.

BRASIL, NAÇÕES UNIDAS. Convenção sobre os direitos da criança.art.31. disponível em http://www.onu-brasil.org.br/doc_crianca1.php. Acesso em 10 de setembro de 2016.

CARVALHO; R.E. Escola Inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico. Porto Alegre; Medicação, 2008.

CHINALIA F, Atividades lúdicas nos anos iniciais do ensino fundamental no contexto da inclusão escolar –2016.

CARDOSO, P. T. Inclusão escolar de crianças com necessidades educacionais especiais: práticas e perspectivas de terapeutas ocupacionais. 2009. 179 p. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Especial. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP.

DE CARLO, M. M. R. P.; BARTALOTTI, C. C. Terapia Ocupacional no Brasil - Fundamentos e perspectivas. São Paulo: Plexus Editora, 2001.

DORNELLES, Leni Vieira. Na escola infantil todo mundo brinca se você brinca. Educação Infantil pra que te quero? São Paulo: Arte Méd, 2001. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71912/000880442.pdf?sequenc>. Acesso em 23 de setembro de 2016.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIEDMANN, Adriana. Brincar, crescer e aprender- o resgate do jogo infantil.São Paulo: Moderna, 1996

JURDI, A.P.S; AMIRALIAN, M.L.T.M. A inclusão escolar de alunos com deficiência mental: uma proposta de intervenção do terapeuta ocupacional no cotidiano escolar. Rev. Estudos de Psicologia. Campinas23(2),p.191-202,abril -junho 2006.

JANNUZZI, Gilberta S. de M. A educação do deficiente no Brasil:dos primórdios ao início do século XXI. Campinas: Autores Associados2004.

PRADO DE CARLO, Marysia M. R. do.& BARTALOTTI, C.C.(Orgs.) Terapia Ocupacional no Brasil: Fundamentos e Perspectivas. São Paulo: Plexus, 2001.

KISHIMOTO 1993, apud CARVALHO, Levindo Diniz. UFMG -GT-07: Educação de crianças de 0 a 6 anos. Agência financiadora: CNPq. disponível em: http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/desafioscotidianos/arquivos/integra/integra_SILVA%20e%20SANTOS.pdf, acesso em 19 de setembro 2016.



MACHADO, A.M. (2006). Educação Inclusiva: de quem e de quais práticas estamos falando? Em C.R. Baptista (Org.), *Inclusão e Escolarização: múltiplas perspectivas*. Porto Alegre: Mediação.

MOTTA, M.P.; TAKATORI, M. A assistência em terapia ocupacional sob a perspectiva do desenvolvimento da criança. In: CARLO, M.M.R.P.; BARTALOTTI, C.C. *Terapia Ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas*. São Paulo: Plexus Editora. 2001.

ROCHA, E. F.; LUIZ, A.; ZULIZN, M.A.R. Reflexões sobre as possíveis contribuições da terapia ocupacional nos processos de inclusão escolar. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 14, n.2, p. 72-8, maio/ago. 2003.

SANT'ANA I.M. (2005,). Educação inclusiva: concepções de professores e diretores. *Psicologia em Estudo*, 10(2), 227-234.

